

Algodão em Nampula:

Organizar o futuro aprendendo do presente

A campanha da colheita do algodão 81/82, na Província de Nampula, ressentiu-se, uma vez mais, do problema criado pela fraca afluência da mão-de-obra às machambas. Resultado, em grande medida, de deficiências de carácter organizacional, a persistência deste problema na campanha deste ano (numas unidades mais que noutras) revelou, contudo, em paralelo, a eficácia que se pretende atingir num futuro próximo, que assenta num redimensionamento deste sector. Neste esforço, destaca-se a melhoria das condições de abastecimento e alojamento dos trabalhadores e a introdução da mecanização, prevista para a campanha 82/83.

Texto: Fernando Manuel • Fotos: Naíta Ussenc



Na madrugada do passado dia 10, partiam, da cidade de Nampula, três camiões com destino a Muíte, onde se iam recolher os alunos que há uma semana aí se encontravam a apoiar a colheita, na Unidade de Produção local.

A UP de Muíte, a cerca de 150 quilómetros da capital provincial, no distrito de Mecubúri, é justamente considerada como a que mais problemas enfrenta na época da colheita, ano após ano, de entre as dez que integram a EMPRESA DE ALGODÃO DE NAMPULA E.E.

A cinco dias do prazo limite estabelecido para a conclusão da colheita em todas as unidades, (15 de Agosto) cerca de novecentos hectares dos dois mil e cem sementeiras esperavam ainda a primeira colheita (esta divide-se normalmente em três fases).

«Por este andar, nem em fins de Agosto teremos a colheita concluída» considerou uma fonte no local, após referir que o número

médio dos trabalhadores que participam na colheita «não perfaz sequer metade do que seria necessário».

Contudo, durante as duas semanas em que duraram as férias escolares, o número de participantes na colheita foi consideravelmente reforçado pelo envio de estudantes das escolas primárias e secundárias de Nampula e localidades vizinhas. Este ano, o habitual reforço dos estudantes foi prestado em paralelo com a participação de trabalhadores de outros ramos de actividade, aos fins-de-semana, num esforço de envolvimento da comunidade na colheita, por parte das estruturas provinciais do Partido e Governo, processo, aliás, que abarcou todas as unidades.

VENTO SEM DIRECÇÃO

Se em outras Unidades de Produção, igualmente marcadas de modo agudo pelo problema da mão-de-obra, a participação dos

alunos e dos trabalhadores citadinos permitiu recuperar, em grande medida, o tempo perdido, o mesmo se não poderá afirmar em relação a Muíte.

Esta constatação conduz ao facto de que o que se verifica não é a «falta de mão-de-obra, mas a sua afluência às machambas, que é fraca». O Director da UP de Muíte afirma, a propósito, que «temos nesta localidade cerca de doze mil habitantes, todos camponeses, mas mal conseguimos a média diária de participação de mil na colheita».

Explicações para este facto parecem ser várias e não convergentes. Para Luciano Jordão Rodrigues, responsável da loja em que se abastecem os trabalhadores da UP de Muíte, por exemplo, ele deve-se a que o trabalho da colheita «é lento e exige muita paciência».

«É um trabalho aborrecido» resume, adiantando que o mesmo problema não se verifica quando se trata da sementeira e sacha, que são «mais rápidos e permitem aos



Em cima e à esquerda — Colheita: a média geral de participação é de sete mil trabalhadores. Mas precisa-se de 14 mil, segundo a direcção de produção da Empresa do Algodão, E. E.

A direita. Estudantes 50 por cento da mão-de-obra, na colheita



Metochéria quer ser modelo

As nove horas (sensivelmente duas horas depois) a secção local do Jornal do Povo da Unidade de Produção de Metochéria, anunciava a «chegada dos companheiros da Informação», detalhando as razões da visita e convidando «todos os trabalhadores» para se prestarem a receber, «com alegria, os visitantes».

Para quem tenha conhecido a UP de Metochéria de há cinco meses atrás, a observação poderá parecer fantasiosa. Mas corresponde por inteiro à verdade.

Até Abril deste ano, parecia a todos definitivamente perdida a esperança de se poder aproveitar alguma coisa dos vastos terrenos de algodão já semeado.

Na nossa visita, ainda em princípios de Agosto, constatámos que, para além de ter a colheita praticamente concluída (foi aqui que vimos a máquina de limpar algodão a ser testada) Metochéria tinha, em funcionamento eficaz, uma estrutura de organização interna montada e bem consolidada.

Para quem duvidasse das histórias do local da sede, outrora pista poeirenta de camiões em

debandada, encurtando caminho, hoje com alpendre arranjado, onde descansam tractores em perfeita ordem, o algodoeiro nu, no campo, mergulhado até ao pescoço em capim (já não houve tempo de concluir a sacha) falará desse passado ainda fresco.

Enquanto contemplávamos, ao longe, na encosta, os tractores na lavoura, um trabalhador limitava-se a dizer «parece história».

Os quatro meses de trabalho árduo, coordenado por um colectivo de direcção coeso, com a decisão descentralizada até à base, onde cada um presta contas sobre as responsabilidades que lhe cabem no sector, sendo modelo adoptado desde o início e mantido com firmeza, justifica que em muitos já se esteja a apagar a aura que envolvia Metochéria.

Metochéria, poderá ver o seu modelo de organização do trabalho adoptado como norma, com a projectada autonomização das UPs, que as tornará empresas independentes, em que o papel da direcção central da Empresa do Algodão será apenas o de promover a criação e consolidação de novas UPs.

F. MANUEL



A falta de sacaria contribuiu para diminuir o índice de rendimento

camponeses dispor de tempo para cuidar das suas machambas».

Esta opinião é compartilhada e mais detalhada pelo Director do Algodão de Nampula, que refere o facto de, «na mesma altura em que as populações deviam estar na eolheita no sector estatal, terem que fazer o mesmo nas suas machambas» onde, para além de algodão (o sector familiar produz quase tanto como o estatal) produzem alimentos.

«Daí que 50 por cento da mão-de-obra seja de estudantes» acrescenta, referindo que isto se reflecte, em adição, ao rendimento do trabalho, obviamente baixo.

Entretanto, persiste entre as direcções das UPs a ideia geral de que a desarticulação que se manifesta entre estas e as estruturas políticas e administrativas distritais e de localidade, é outra causa a ter em conta. Numa planificação mais antecipada das colheitas, o papel mobilizador destas estruturas no seio das populações «é de grande importância».

«Mesmo assim, os resultados po-

Colheita de algodão: um trabalho que exige paciência



Parede a parede, novas aldeias estão a nascer. Até ao fim deste ano, cada UP deverá ter cem casas concluídas

Daqui nascem cidades

A cerca de um quilómetro da sede da Unidade de Produção de Mezerepane, no distrito de Monapo, nasce uma aldeia comunal.

Gêmea de outras tantas que, nas restantes nove unidades, se estão a construir, obra de mãos locais, com o que a natureza oferece. O plano é de cem casas a concluir até finais deste ano.

Em Mezerepane, destacando-se do vermelho-barro da terra, 25 casas caiadas de branco, já concluídas, emparelham com as paredes castanhas que se estão a erguer e, mais além, alicerces demarcados para o início da construção de outras.



Esta primeira fase do projecto compreende a construção de trezentas casas, distribuídas por locais estratégicos de concentração populacional. Estas aldeias, na versão final, contarão com escola, posto médico, local de diversão para crianças, mercado e um centro de produção artesanal.

A área da aldeia divide-se em talhões de 60 por 80 metros, com uma entrada única e larga que conduz à entrada das seis casas que aí são construídas. Desde a pedra à cal (que faz as vezes do cimento) todo (ou quase) material utilizado na construção destas casas é local. Os construtores

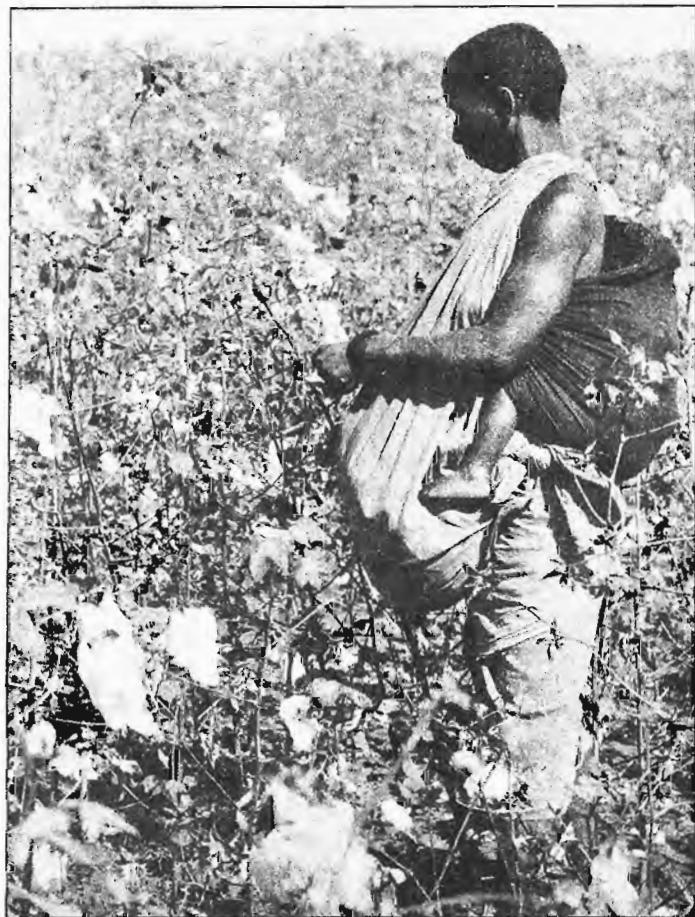
deriam ser melhores que os que se têm vindo a obter considera o Director Provincial do Algodão referindo-se, a título explicativo, às deficiências verificadas no enquadramento dos braços disponíveis para o trabalho. A isto se somam «a falta de sacaria e a dispersão das balanças pelos blocos» que obrigaram os trabalhadores a perder imenso tempo na bicha da pesagem.

O VIRAR DA PÁGINA...

A consequência adveniente desta situação é a queda do algodão, que, no chão, se suja com folhas e ramos, perdendo peso e qualidade. Na presente campanha, este risco é agravado por um «surto de ratos nunca visto», que para além de estragos que provoca na fibra do algodão, devasta a semente, de que se serve para alimentação.

Em Metochéria, numa noite em que se aplicou veneno junto aos secadores de algodão, morreram cerca de oitocentos ratos. Este método, contudo, oferece dificuldades na medida em que se corre o risco de intoxicação das populações, que

A afluência da mão-de-obra ao sector estatal está condicionada pela produção no sector familiar



estão divididos em brigadas, cabendo a umas colher o capim, a outras cortar o bambu, erguer as paredes ou fazer a cal.

O espaço de cada casa terá local para horta individual e criação de pequenas espécies. Futuramente, o capim do telhado será substituído por telha, que se irá fabricar numa das unidades, para posterior distribuição pelas outras.

O projecto de construção destes centros de vida colectiva obedece à estratégia traçada para a resolução do problema da mão-de-obra, numa acção complementada pelo projecto de mecanização. Este contempla, assim, a necessidade de se virem a construir, em fases sucessivas tantas casas quantas as possíveis para albergar o máximo de trabalhadores. E a procura parece apostada em dinamizar o processo nesse sentido.

«No início foi difícil. Poucos queriam aderir», lembra Giel Salimo Abdala, responsável do sector de construção em Mezerepane, sorrindo em seguida ao afirmar que «agora, toda a gente quer participar e garantir a sua casa».

Na UP de Metochéria, recuperou-se uma fábrica de cal que num futuro próximo, produzirá quantidades suficientes para fornecer todas as congêneres.

O abastecimento em produtos de primeira necessidade aos trabalhadores, outrora problema difícil, conheceu este ano considerável melhoria: de quinze em quinze dias, os trabalhadores adquirem

as suas quotas de sal, farinha de milho, feijão e mandioca.

Aos colhedores recordistas (500 quilos ou mais, em quinze dias) dar-se-ão facilidades de aquisição de rádios e capulanas.

O que é vendido nas lojas é complementado por aquilo que se produz nas hortas das UPs, que exibem canteiros com alface, couve e cebola.

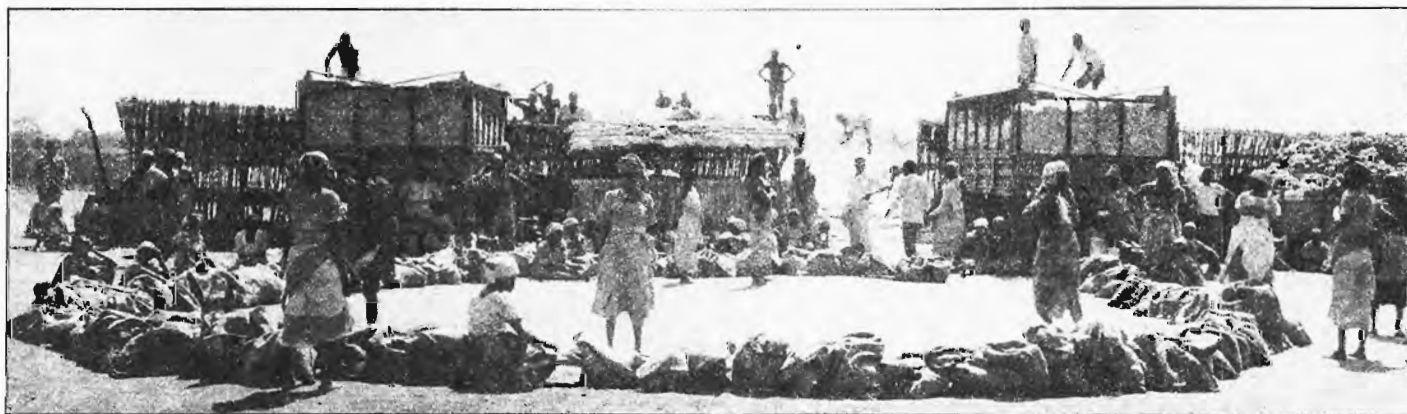
Os trabalhadores fixos, que beneficiam de crédito nas compras efectuadas na loja, frequentam, na quase totalidade, aulas de alfabetização que se pretendem estender às comunidades de camponeses.

O sector familiar, aliás, tem estado a merecer uma especial atenção em termos de apoio para a melhoria de rendimento produtivo, nas suas machambas. Divididas em áreas de influência, as populações recebem, dos responsáveis nomeados, apoio técnico sobre o tratamento da terra, cuidados a ter com a semente e métodos de armazenamento.

Para exemplificação e estímulo, estes responsáveis de áreas (que se subdividem em zonas) promovem a abertura de machambas-modelo, onde se cultiva algodão e produtos para alimentação.

«É um trabalho pelo qual somos todos responsáveis» revelam, na Empresa do Algodão, acrescentando, em referência às aldeias, que «é daqui que nascerão as cidades».

FERNANDO MANUEL



A dispersão das balanças provocou grandes bichas na pesagem, diminuindo o tempo útil da colheita

têm o hábito tradicional de caçar, para comer este roedor.

Além disso «é impossível matar todos os ratos» segundo constatação duma fonte da Empresa do Algodão, que acrescenta: «A única solução é garantir a colheita dentro dos prazos», evitando a sua queda.

Em anos anteriores, a recuperação do algodão caído e apanhado no chão era praticamente impensável. Pensando nisso, e enquadrado em esforços a que se pretende dar continuidade, experimentouse, já nes-

ta campanha e com resultados encorajadores, a limpeza deste algodão com a utilização duma máquina própria, para o efeito importada da URSS.

Outras inovações estão em curso no sector do algodão, com vista ao necessário virar da página na sua história.

ELEVANDO PRODUÇÃO POR HECTARE

«A planificação aprende-se» refere uma fonte da Empresa do Al-

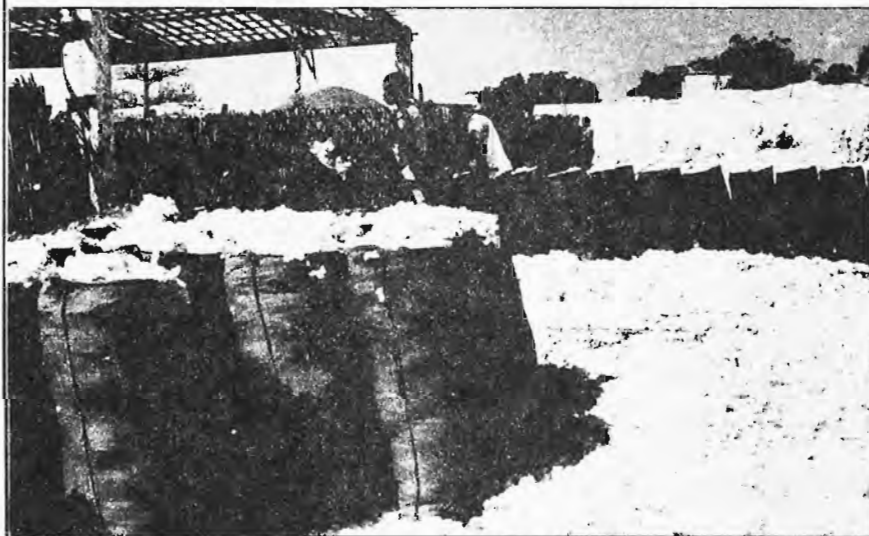
godão, manifestando a opinião de que na campanha 82/83, muita coisa terá mudado.

Há que considerar, com efeito, que apesar dos problemas que se viviam para concluir a colheita, esta, já desde princípios de Agosto, se fazia paralelamente com a lavoura, trabalho que «tem de estar concluído até Outubro».

Em todas as Unidades de Produção, este trabalho preparatório, ao qual se seguirá a sementeira, faz-se em simultâneo com a derruba



Trabalho de arrumação, num secador



Trabalha-se, neste momento, para que a campanha 82/83 marque a viragem para a optimização



Até fins deste ano, prevê-se a conclusão de mais 25 armazéns de pau-a-pique

e destronca, em novas áreas de cultivo. Mais que aumentar, estas novas áreas «irão completar» os índices de produção que se pretendem atingir o que, sem elas, se tornaria difícil.

Foi recordado que, nalgumas das machambas actuais, já se «cultiva algodão há mais de quinze anos». São terras cansadas.

Ainda nesta campanha de 81/82 ultrapassou-se um mito pernicioso que se vinha a manter desde a memória da história da colonização. «Um dos segredos do algodão é o número de plantas que se semeia», informa uma fonte da Empresa do Algodão. E continua, explicando que «havia a tendência de pôr um número baixo de plantas por hectare», o que se reflectia na produção global, já prejudicada pelo algodão que se estragava no chão devido às complicações da colheita.

Elevou-se para sessenta mil o número de plantas por hectare e, duma maneira geral, «a produção duplicou».

A esta altura, iniciou-se já o escoamento do algodão, acção em que

Pesagem, para envio à fábrica: cada saco, trinta e um quilos





Os de palmo e meio

Marcolino Jorge, de 12 anos de idade, ostenta na colheita de algodão a mesma distinção que lhe caracteriza as notas escolares.

Da Escola Secundária de Natete, localidade onde os tractores o iam buscar, junto com os colegas, logo de manhã para as machambas de Monapo (foram dois dias) Marcolino Jorge traz recordações de brincadeiras que desfia, um pouco ao acaso, sentado sobre o saco de algodão que as suas mãos encheram.

«No ano passado também participei na colheita», vai dizendo, depois de declarar que nasceu em Maputo, donde saiu com os pais, transferidos para Monapo, em 1977, e daí para Natete.

Na sexta classe, que «acho que vou dispensar, tenho média geral de 18» o interlocutor de palmo e meio manifesta a ânsia que o possui de conseguir vaga nas escolas de Nampula, onde pretende continuar os estudos.

Aquela hora, porém (15 horas) ansiava apenas por regressar a casa ainda a tempo de montar uma brincadeira e contar novidades do dia aos seus quatro irmãos...

se prioriza o sector familiar, dado que a quantidade de sacos disponíveis não permite que a operação se faça, ao mesmo tempo, nas unidades estatais.

Até ao fim deste ano, estima-se que estejam já concluídos os vinte e cinco armazéns de pau-a-pique em construção nas fábricas de descaroçamento, e um pouco por todas as UPs. Na campanha de 80/81, com o escoamento estrangulado pelas fábricas a abarrotar de algodão que não era trabalhado, devido a paragens por avarias de maquinaria, o problema de armazenamento de algodão tornou-se um bico de obra.

«Importámos peças para essas máquinas, de que já chegou uma parte» informaram da Empresa do Algodão, ressaltando-se e m b o r a que «a normalização total é uma etapa a médio prazo».

Segundo depoimento da direcção da Empresa do Algodão de Nampula, as máquinas de limpeza atrás referidas enquadram-se num projecto de «introdução gradual da mecanização na colheita», cujos efeitos se poderão fazer sentir já no decorrer da próxima campanha. A fonte acrescentou a propósito que, no quadro da cooperação com a URSS, no sector do algodão, prevê-se a realização de experiências com autocombinadas para a colheita, num futuro breve.

O homem, em função do qual existe a máquina, está contemplado no melhoramento do abastecimento em géneros de primeira necessidade que se verificou este ano, num esforço em que muito teve a ver «a acção desenvolvida pelas estruturas do Partido e Governo Provinciais». Graças a isto, de quinze em quinze dias as lojas das UPs vendiam milho, feijão, mandioca, peixe-seco, petróleo e sabão.

O projecto duradouro, contudo, é o que se iniciou este ano com a construção de Aldeias Comuns para os trabalhadores em todas as unidades. Cada uma delas (ver caixa) deverá ter, até fins deste ano, cem casas.

Delineia-se, assim, a aurora de tempos novos... □